



Catpower: a dominação da terra¹

Cecília Palmeiro²

Em cada aventura a Madrinha-bicha se jogava inteira. Uma volta, durante o carnaval, em uma saída com sua amiga Feli, arrumou um bofe pelo qual poderia ter perdido a vida. Foram à uma festa de forró de travestis. Aí a tirou para dançar um negro de dois metros e noventa quilos de músculos (os bofes das travestis são sempre os mais gostosos, sentenciou a Madrinha). Com ele aprendeu a dançar forró, um gênero mestiço, fronteiriço, entre a cumbia e a lambada, muito sexy. Piruetas vão, piruetas vem, a Madrinha não podia acreditar na maravilha do sujeito. Feli, de longe, lhe fazia sinais: era, por muito, o melhor homem da festa. Uma escultura de ferro forrado com seda de chocolate. A roupa era rara: camisa tipo havaiana com correntes e relógio de ouro... Meio traficante, pensou a Madrinha.

Foram sentar; ficou estupefata diante da grossura dos músculos e do tamanho do volume. Inclusive lhe pareceu exagerado: um caso para seu amigo Silvestre, quem vivia à procura da maior piroca do mundo. Feli tirava fotos se fingindo de tola, para que tivéssemos provas. O bofe era jovem e belo, ainda que tivesse nele algo inquietante. Tinha um pacto com Feli de sempre voltar para casa juntas, assim logo que a outra começou a fechar a cara, a Madrinha anunciou a partida. Chovia a rodo, como somente no Rio pode chover. (Depois de todos estes anos nesse planeta, sigo achando uma loucura que caia água do céu). O cara, um cavalheiro, ofereceu levá-las para casa em seu carro. Tinha carro! Wow!, pensou a Madrinha.

Subiram, e ele, muito educadamente, mencionou que tinha que trabalhar no dia seguinte e à noite tinha faculdade. Estuda e trabalha e tem carro!, se regozijava a outra. Ele estudava Direito na mesma universidade onde a Madrinha faria seu estágio de pesquisa, a UERJ.

E então o detalhe final:

¹ Tradução: Helder Thiago Maia.

² Cecília Palmeiro é professora de teoria literária e literatura latino-americana na Universidade Nacional Tres de Febrero e na Universidade de Nova York, em Buenos Aires. É autora dos livros *Desbunde y Felicidad: de la cartonera a Perlongher* (2011) e editou o livro *Correspondencia* de Néstor Perlongher (2016). Também é autora do artigo *Derivas de lo queer en la Argentina: hacia una genealogía*, publicado na primeira edição da *Periódicus*.

- Com que você trabalha?

- Na Polícia Militar, BOPE – anunciou orgulhoso. Todos os pelos do corpo da Madrinha se eriçaram ao reconhecer um membro da chamada tropa de elite, um grupo de assassinos profissionais de pobres.

Silêncio.

Feli, no banco traseiro, desatou o cinto de segurança, inquietando levemente ao condutor. Para cortar a tensão, o cavalheiro lhe ofereceu um caramelo que tinha guardado no porta-luvas, infelizmente falou em português, e quis lhe dar uma bala.

Diante da pergunta se queria uma bala, Felinora abriu a trava da porta e com o carro em movimento a toda velocidade tratou de se jogar na rua inundada.

- Bala é caramelo, analfabeta! – apaziguou a Madrinha, agarrando-a por um braço e metendo-a de volta no carro.

Mas a tensão já era imparável. Estavam trancadas em um carro à mercê de um assassino de aluguel, obviamente armado, em uma autopista desconhecida em um país estrangeiro. Nesse momento, a Madrinha já tinha cometido o erro fatal de anotar seu telefone para se verem mais tranquilos um outro dia: um encontro. Atinou somente a lhe dar o nome de guerra que usava quando falava que era travesti: Tiffany. Por sorte também não tinha lhe dado o endereço exato da casa: desceram algumas quadras antes, por iniciativa de Feli, que estava em pânico.

No dia seguinte, enquanto tomavam o café-da-manhã com Tom, chorando de rir, contavam a história. Nisso tocou o telefone, ele atendeu, e ela descompôs a cara ao escutar: posso falar com a Chiffffffany? Estava perto da casa e queria passar para visitá-la... Tinham esquecido a carteira (sem um duro) de Feli no carro.

Então a Madrinha começou a balbuciar mil desculpas: nunca conseguia dizer não abertamente para ninguém, fácil como ela era. Também não queria se colocar contra a lei, menos ainda de uma lei tão implacável como a do BOPE. Odiava e temia aos canas, ainda que se desse conta de que um contato semelhante poderia lhe economizar múltiplos inconvenientes, ainda que correndo certo risco. E se fosse violento? Ou um estuprador armado? Ou se se chateasse com ela e a matasse? Ou matasse as amigas dela? Cada ideia era pior do que a outra,



a Madrinha se complicava na ligação sem encontrar saída. Então se fez de surda e desligou. Nunca mais voltou a atendê-lo.

Quando a Madrinha foi convidada para dar uma conferência na UERJ, o encontrou por causalidade nos corredores depois da palestra. Ela estava rodeada de acadêmicos e alunos super caretas e, no meio do grupo, o viu avançar como Moises cortando as águas até ela, ao grito de “Tiffffany!”. A Madrinha, vendo suas múltiplas vidas convergirem em um plano inesperado, o olhou nos olhos profundamente e com as pupilas, como se fosse um de nós, lhe disse NÃO. (Os humanos, coitados, nem imaginam que a telepatia gatuna se projeta pelos olhos, por isso quanto mais belos os olhos, maior poder, inclusive nos gatos terrestres. Daí vem nossos “beijinhos com os olhos”). Ele ficou mudo, parado e, como um autômato, se foi. Ninguém disse nada. Fiquei muito comovido: foi a primeira vez que ela usou meus poderes. Mas essa não foi a última aparição do cana.

Bichas, loucas & fofas

À multidão carnavalesca se somaram várias loucas. Como encontrando seu destino, a Madrinha conheceu a Ruddy Pinho, cabelereira superstar e escritora travesti sem idade, deusa olímpica. Já ao vê-la chegar ficou fascinada pela forma como falava e se movia essa mulher, que não podia ser somente isso. O mesmo pensou Ruddy da Madrinha. O encontro foi uma anagnórise: a Madrinha já tinha escutado falar de semelhante lenda, fundamental para a sua investigação. Se amaram imediatamente e marcaram uma entrevista para o dia seguinte.

Paradoxalmente nessa livraria snob de Ipanema, nessa mesma noite, a Madrinha se reencontrou com um amigo que havia encontrado e perdido em outras viagens: Guilherme Zarvos, muito querido.

Guilherme estava louco de amarrar e, por sua vez, era maravilhoso. Nesses dias faria cinquenta anos mas tinha um espírito de vinte. Bicha louca e bêbada de primeiro nível, era todo o oposto ao sentido de careta (os humanos usam e abusam da arte da dissimulação, os gatos terrestres pegaram essa mania desagradável). Havia dedicado sua fortuna e sua vida à literatura, ou melhor dizendo, à literaturalização da vida coletiva. Havia fundado, junto com Chacal, um poeta marginal dos anos setenta, um modo de funcionamento da poesia jovem no Rio, o CEP 20.000 (Centro de Experimentação Poética). Era um evento que se fazia desde 1996 com a ideia de fazer poesia como performance sobre um palco, e de converter aos jovens em artistas. Uma



escola da poesia da vida, propriamente. Com Guilherme se adoraram desde o primeiro momento. A Madrinha o conheceu em um festival de poesia em Buenos Aires, em uma de nossas idas e vindas de Nova Iorque. O convidou à sua festa de fantasia de aniversário e terminou forcejando, evitando que os seguranças da boate o matassem, e tratando de colocá-lo em um taxi às oito da manhã vestida de vedete, com biquíni de lantejoulas e chapéu gigante de plumas na cabeça, com temperaturas abaixo de zero. Quando chegou em casa parecia um avestruz desplumado.

Com Guilherme desde então não voltaram a se separar mais do que impõe a geografia. Passaram mil aventuras juntos, traduziram, editaram, escreveram uma amizade. Ele inclusive escreveu um conto maravilhoso chamado “Histórias da Cecília”, em que eu figuro como protagonista principal, ainda que tenha mudado meu nome para Ronroroso. Mas Guilherme é um perdido e acredito que o conto se perdeu. A tonta da Madrinha não se esforçou para editá-lo em seu momento porque lhe dava vergonha suas putarias cariocas que Guilherme documentava, por isso agora descarrego tudo e ela que se resolva. Por ter me deixado nas brumas.

Guilherme e a Madrinha se tornaram um duo dinâmico. Guilherme escreve e publica sem parar, não somente sua produção, mas também a dos demais. Coloca todos para trabalhar. Traduziram juntos suas novelas (*Zombar y Cantata Constante, Morrer y Ensaio de Povo Novo*) em uma espécie de acampamento de amor que montaram em casa. Eu também colaborei com a tradução fazendo telepatia entre ambos: ou seja, traduzindo, e traindo, do meu jeito. Entre tanta confusão, escrevemos livros novos entre os três.

Então Guilherme organizou uma festa do CEP no Circo Voador, um lugar central do under, e não tão under, do Rio. Primeiro convocou à Madrinha para que fizesse algo. Que fosse um pouco menos acadêmica e mais artista. A madrinha topou de vez. Ela gostava de desafiar sua própria carece. Então compôs uma pequena performance, tipo teatro de revista, uma varieté de poesia, monólogo e dança. Ela e as suas loucas amigas Caprice e Tom, formaram o efêmero coletivo Diamante Negro, por conta do sorvete de chocolate que detonavam todas as noites.

A Madrinha tomou o texto de um arquivo do Hospital Vieytes, do pavilhão psiquiátrico, da autobiografia poetizada da Bella Otero, a primeira travesti conhecida na Argentina, de 1910. A traduziu a um portunhol barroco, acrescentaram um tango (“Se disse de mí”, de Tita Merello) e armaram entre as três uma coreografia maravilhosa. O vestuário era importantíssimo: as três de dourado vestidas com as roupas de vedete da Madrinha, tudo de brilhos, glitter e lantejoulas.



Saltos altíssimos. Ensaíaram várias vezes (sou testemunha de que o show era genial) e se cagaram de rir até o paroxismo.

Naturalmente, Diamante Negro arrasou no CEP do Circo Voador. Guilherme estava totalmente passado assim que acredito que ele nem viu o show – já estaria jogado por aí encima de algum adolescente -; ele tinha a teoria de que a partir dos dezessete o sexo deveria ser legal. Mas foi um êxito de público e de crítica. Se tornaram celebridades do Rio. As Dzi Croquettes argentinas, as sobrinhas indigentes.

O coordenador do evento, um amigo de Guilherme, Quito o chamavam, se auto carbonizou somente de ver a Madrinha no palco fazendo seus oito tangueros mesclados com passinhos de Britney Spears. Começou uma campanha de cortejo muito determinada a triunfar. Ligava religiosamente todos os dias à mesma hora. A madrinha se fazia de difícil e ficava muito excitada ao escutar o desespero do cara ao telefone.

Nesse ínterim, a Madrinha trabalhava com Guilherme em vários projetos. Um era um livro de um amigo que apresentariam em breve, e Guilherme queria lhe dar uma festa. A Madrinha propôs fazê-la em sua casa – que melhor ideia para mim que encher minha casa de desconhecidos! Não pude evitar. Não pude tirar da cabeça nem sequer a arranhões (às vezes sua agência era maior que meus poderes) –. Foi um stress desnecessário, ainda assim aproveitei para tomar umas amostras.

A festa, a partir da perspectiva deles, estava maravilhosa. A casa era feita para festas. A dona, de berço aristocrático, mas devinda ícone da moda e traficante de luxo, comprou essa casa que transformou em galeria de arte. Um rompimento absoluto. Já os quadros da casa, todas obras originais, mostravam impudicas cenas lésbicas em todos os quartos. Parece que a casa era um point do desbunde que voltava à ativa agora enquanto a Madrinha escrevia uma tese sobre as correspondências históricas dos desejos revolucionários.

A Madrinha estava ébria e chapada como de costume. Eu estava trancado com chave no seu quarto, mas como ela mesma entrava e saía o tempo todo eu escapava para bisbilhotar a festa. Cada tanto alguém me alçava (ninguém resiste à minha beleza, menos ainda ao meu olhar) e eu com unhas e dentes tomava mostras de tecido para o meu catálogo. Então a Madrinha, entre arranhões, me metia de novo no quarto. Ela mesma passava a música (também debutou como DJ), até que cansou, colocou um set e desapareceu. Tinha chegado o seu pretendente da noite:



Quito, que tinha vindo sem que ela o convidasse já que era amigo de todos ali. Ele no fundo não a interessava: de fato parecia um idiota. Também não era tão gostoso assim, considerando que o Rio é a capital mundial do bofe. O que a Madrinha sentira era pura paixão de abolição. É certo que tinha gigantismo no pau, mas isso só soube quando era demasiado tarde. Sempre digo à Madrinha que com isso não fazemos nada. Além disso pau não falta. Um amante da Madrinha lhe dizia que ela não tinha inveja do pênis porque sempre havia tido todos os que quis. O que eu realmente não podia entender era essa atração pela repulsão: queria analisar esse oxímoro do tesão que, por sua vez, me resultava intolerável como impulso paradoxal da barbárie da Madrinha. Ela gostava do jeito que ele gostava dela, desse desespero que o diminuía na frente dela.

Eu estava trancado no quarto, farto. Os vi entrar de um empurrão, com a força da batida da porta ele a agarrou o rosto e a beijou. A coisa foi ficando quente, os sentimentos encontrados da Madrinha ferviam de contradição. Então vislumbrei minha vingança. Havia uma janela na parede da altura da cama que dava para o pátio onde estavam a maioria dos convidados. Uma vez que a Madrinha e Quito estavam nus na cama, justo na posição em frente à janela, me pendurei nas cortinas abrindo-as de uma vez e comecei a dançar no palco do parapeito da janela os passos da coreô que fizemos para Diamante Negro. O show cativou a audiência e, uma vez que todos começaram a aplaudir pelo que viam dentro (e não me refiro somente a minha dança pessoal), me joguei em cima do bofe e rasguei seu pau duro, que começou a soltar jatos de sangue tipo fonte de águas dançantes diante dos olhos desorbitados da Madrinha e de meio Rio de Janeiro. Foi puro show off, porque os cortes eram mínimos, quase adereços, mas o efeito foi máximo. Assim terminou a festa e o romance, a esta altura me dava conta de quais coisas valia a pena explorar da humanidade e quais não. Já vi que os poderes da perversão humana são infinitos e de múltiplos recursos. E pelas mostras de tecido soube que o cafajeste era casado e com mulher grávida.

Então nós fizemos famosos como a gata e o gatinho. As pessoas vinham em casa para me conhecer, se falava de mim entre os bofes da Lapa. A estética que havia feito anos antes como vingança ao Nego Memo na cara ressurgiu junto com a fofoca de que alguém, por problemas amorosos com mulheres, tinha lhe dado um tiro no cu. Andava por aí com curativos que saiam por cima das calças rappeiras.

Me tornei um mito (Rio é um povoado). As mulheres queriam me alugar como guarda-costas ou cafetão, pela minha capacidade perceptiva e interpretativa dos homens. Coitada da Madrinha, porque agora tinha que procurar pessoas que não me conheciam para satisfazer seus



baixos instintos, já que todos os que sabiam de mim se cagavam de medo. A Madrinha tinha suas presas, e eu as minhas. Nós íamos nos ajustando juntos.

Um flash

A humanidade construiu todo um edifício de saberes baseado no imperativo realista, quer dizer, no conhecimento do que é realmente, por contraste com o mito, a lenda, as explicações mágicas. Mas, por sua vez, eles preferem viver num mundo que não é: na ficção, para começar, na religião (em retirada no século XX mas muito poderosa no XXI), no ciberespaço, nas alucinações. Ao final, ninguém se banca no mundo como eles propõem que é. Nem a cultura nem a natureza. Daí a relevância de uma esfera de realidade-ficção, um terceiro espaço onde possam sentir que vivem, como a internet, que à Madrinha, que não entendia nada de física nem de matemática, lhe parecia algo sobrenatural. É algo assim como nossa esfera de interface espiritual, mas artificial e efêmera, e com pouco sinal.

Todos os humanos da terra consomem algo que os ajuda a tolerar o mundo. Pode ser legal ou ilegal, pode ser uma droga, um exercício de respiração, uma terapia que os mostre outra perspectiva fora da sua própria alienação.

A Madrinha então oscilava entre a purificação física e espiritual e o esgotamento. Estranhamente uma coisa levava à outra. Quanto mais forte era a ruína, mais forte era a limpeza. Com Tom faziam yoga todos os dias e comiam vegano e, às vezes, ajudavam a levantar com um São Pedro peruano. Tudo adquiria outra intensidade, outra força. As plantas mágicas, como o catnip, como a maconha, como o cacto, são potencializadores de entidades espirituais. São intensificadores da conexão entre os seres, vivos e inanimados, da traduzibilidade da linguagem total, a linguagem divina que todos levam tatuado na alma. Diferentemente das drogas comerciais, químicas, desagradáveis que embrutecem a percepção como a cocaína e o álcool. De qualquer jeito, aqui ninguém se poupava de nada. Eu mesmo, às vezes, dou uns tiros no prato da Madrinha.

Sem dúvidas, o momento mais elevado foi quando, em pleno São Pedro, Catulo, sempre meu favorito, sempre maravilhoso, convidou a Madrinha e a Feli para dar um passeio de helicóptero saindo do Pão de Açúcar, duas pedronas gigantescas sobre a baía de Guanabara que parecem um lobo do mar fora de escala, em direção ao Cristo Redentor. Como eu perdi semelhante aventura (a sensação de voar não era a minha preferida), me conectei muito com a Madrinha para que me transferisse essa vivência vicária. Também tive que tomar com as unhas muitas mostras de



tecido e sangue para ter uma ideia. Ela não gostou muito do meu proceder mas, ao final, começou a entender de que se tratava, e que tinha que sacrificar algo por mim que tinha ficado brincando com minhas lagartixas trancado em casa enquanto ela voava pelo céu do Rio de Janeiro.

Foi tão forte que ainda o recordo. A Madrinha tinha um passeio que adorava repetir com suas visitas: Praia Vermelha, uma das vistas mais incríveis – os militares são muito abusados e tomaram os melhores locais –, almoço no restaurante com caipirinhas de abacaxi ou maracujá, e subida no teleférico ao Pão de Açúcar para o entardecer majestoso. Aquela vez foram com Feli e com Catulo, que estavam de visitas, todos em viagem de cactos. Na quinta caipirinha no bar do Pão de Açúcar, Catulo viu chegar o helicóptero e se iluminou (na realidade tinha tudo planejado e eu soube antes que ninguém). Convidou-as para o passeio mais espetacular que pode existir nesse mundo: Rio de Janeiro desde os ares. A Madrinha teve diretamente um ataque de histeria com choro incluso. Os olhos não aguentavam semelhante festa de cores, um panorama inacabável de esplendor. Não tem palavras capazes de descrever um impacto tão profundo, não tem tradução nesta linguagem barata, parcial... melhor não me gastar tentando. A beleza da terra não pode ser descrita na linguagem dos humanos, porque sua linguagem se recorta contra ela. A Madrinha sentia um estremecimento parecido ao meu quando vi a Lagoa e a Trilha do Morro... Êxtase perceptivo: a natureza expressando sua divindade. A Madrinha em uma borbulha de vidro presa no céu celestíssimo, flutuando na cara imaculada do Cristo Redentor, olhando-o nos olhos e, atrás, abaixo, muito abaixo, a cidade, as favelas, os morros, a Lagoa, a praia, a casa, e eu dormindo a sesta ao sol, vendo um ponto diminuto no céu. Comecei a considerar que a Madrinha, às vezes, levava a melhor parte das nossas aventuras. Estava deixando-a demasiadamente livre.

There's nothing wrong with being fabulous

E a Madrinha confundia liberdade com libertinagem. Até que a própria cidade lhe pôs um limite. Uma manhã estava com Tom e Silvestre (que foi e voltou várias vezes ao Rio pelo obstinado do seu vício) ao posto 9, a praia dos maconheiros, e começaram a típica produção de fotos de bichas. Madonna em “Vogue”, Beyoncé em “Crazy in love”, Gisele saltando as ondas... e então quiseram estar as três juntas na foto. A Madrinha disse a Tom que pedisse a um dos bofes que estavam fumando que lhes tirassem uma foto conjunta. Tom se aproximou, câmara na mão e, antes de que pudesse dizer duas palavras, os loucos começaram:

- Bicha nojenta, nem chega perto de mim! – gesticulando violentamente.



Tom ficou pálido e, com um fio de voz, à Madrinha, que era bravíssima:

- Briga com eles!

Não foi necessário mais. A Madrinha se parou com um salto de taekwondo (na sua juventude havia treinado numa academia cheia de canas e bandidos) e encarou os tipos aos gritos de:

- Que é isso! Trogloditas!

E com outro salto em posição de ataque:

- Canalhas homofóbicos, burros, ignorantes!!! A homofobia é crime nesse país! Se eu quiser, eu chamo a polícia e boto vocês em cana!!! – em português perfeito aprendido na Princeton University e praticado na Lapa e nas favelas.

Os bofes repeliam o ataque com escrotices inconexas, contra as mulheres, contra as travestis (a Madrinha em biquíni fluorescente com sua peruca vermelha, um corpo magro, forte e dourado de um metro e oitenta, nenhuma grama de celulite e tudo tão em seu lugar que parecia operada), contra os viados e, obviamente, contra os argentinos. De longe repicavam “pobres de futebol”.

Aí começou a se armar uma roda de gente, a Madrinha pensava que estava armando uma revolução na praia, começou a briga com mais palavrões altissonantes. Tom e Silvestre iam saindo do ângulo visual...

Logo alguém tomou a palavra na improvisada assembleia. Um homem de meia idade, com cara de razoável, disse que ele trazia seus filhos à praia e, por respeito à moral da praia, não dava nem um beijo na boca de sua mulher...

Logo a Madrinha se ligou: a assembleia era contra ela, eram brigadas de apoio aos homofóbicos. E ela era a única mulher na praia, seminua diante de um exército defensor da heteronorma, do machismo mais espantoso... propriamente um exército das trevas que prefigurava os horrores por vir no Brasil...

Mas seguia, furiosa:

- Ridículos! Absurdos! – buscando algum cúmplice. Os meninos, já longe.



O “razoável” argumentava: que os viados, tudo bem, mas tinham a praia gay sinalizada com a bandeira do arco-íris a cem metros daí. Cada um no seu lugar! Ou seja: dentro do gueto tudo, fora do gueto nada.

A Madrinha engoliu o orgulho e saiu com toda a elegância que pôde. Ia desfilando pela praia como uma gata, mas seguia argumentando enraivecida. Os meninos já estavam vestidos no calçado de Burle Max, deprimidos e assustados. Foi horrível. Nunca a Madrinha havia sofrido um ato de discriminação tão grande, nunca foi tão minoritária, nem sequer nos Estados Unidos, onde era uma pobre latina migrante... Nem em um aeroporto!

Quando chegaram em casa ligaram a televisão. Em uma marcha do orgulho gay de alguma cidade do mundo, um cartaz dizia: “There’s nothing wrong with being fabulous”. No canal seguinte uma notícia local: “Barra da Tijuca: Pitboys moem a pauladas a uma trabalhadora doméstica por acreditar que se tratava de uma trabalhadora sexual”.

Apoteose

Tom e Silvestre voltaram a Buenos Aires de baixo astral. A Madrinha seguia como se nada tivesse acontecido. Convidou Maurino, que havia ficado sozinho em Nova Iorque, para passar um par de semanas. Chegou o aniversário de trinta e dois anos da Madrinha e Guilherme resolveu fazer um CEP 20.000 em homenagem a ela e como despedida, já que tínhamos que voltar aos poucos saudosos nova iorquinhos por uns meses para juntar uns dólares, até poder voltar ao Rio no ano seguinte. Essa foi a gota que transbordou o copo.

Já a primeira festa em casa não havia terminado tão bem para eles: mas ninguém se lembrava de nada. Isso era o melhor de tudo. Na vida de conto de fadas da Madrinha, tudo acontecia como se fosse pela primeira vez... like a virgin.

Guilherme organizou um festival na casa com dantescos equipamentos de som que faziam tremer a quadra inteira tipo baile funk (eu no princípio tive que fugir porque sentia que estourava meu cérebro, e somente a várias quadras de distância encontrei um pouco de sossego). Mas tão longe de casa não havia paz! Aguentei um par de horas petrificado de medo em cima de uma árvore, mas estava me mijando e não queria provocar aos cachorros do território, já que a telepatia somente funcionaria através do contato físico e poderia ser muito tarde. Não aguentei mais e voltei. Quando cheguei havia umas trezentas pessoas em minha casa, a porta aberta, uma banda tocando no living em um palco improvisado. Da janela vi que a Madrinha parecia com



cara de pervertida no palco atrás da banda, paquerando com o baterista, um garoto de uns dezoito anos, típica vítima potencial de Guilherme. Logo a Madrinha, com expressão diabólica, o agarrou pelo pescoço e o meteu no quarto, sequestrando-o do seu próprio show diante de toda a festa. Se trancaram um pouco até que Guilherme, em um acesso de fúria, começou a jogar os computadores e os mescladores de som com que Maurino estava improvisando de DJ. Por sorte, Feli subiu ao palco e abriu a porta do quarto da Madrinha: todos os presentes a vimos com as pernas levantadas em V de pilates e um adolescente desnudo entre elas. A Madrinha o tirou com uma patada, em uma pirueta felina parou e saltou ao palco para deter a Guilherme e pegar seu computador no ar. Eu aproveitei para fazer um ataque massivo surpresa ao meu redor, tipo mãos de tesoura. A Madrinha me jogou pelo rabo no quarto e o fechou com uma patada giradora. Então peguei o telefone e, graças a tecnologia touch screen consegui, tocando com uma unha, mandar uma mensagem ao cafuço do BOPE. Por favor, vem urgente pra Alberto de Campos 238. Tiffany.

Trabalhoso, mas efetivo: o bofe, que estava de serviço, apareceu com seu esquadrão da morte (já que não brigada). Todos machos esplêndidos, montanhas de músculos rudes e ordinários como papel de lixa, exalando uma testosterona que rodopiava no ar. Um comando mercenário, mas um tesão. Nem bem chegaram à festa, a Madrinha os interceptou dizendo que era seu aniversário número dezoito, que por favor a perdoassem pela bagunça. Mas o bofe tinha esperado essa chamada fazia meses: não vinha para reprimir, vinha cobrar em carne e osso. Então a Madrinha viu que não tinha outra: se auto designou a missão de salvar a festa a puro boquete. Caiu de joelhos e começou pelo cana pretendente e convocou as amigas a seguirem seu exemplo. Os dez bofes do esquadrão ficaram até que todos foram agarrados. Da ordenada fila boqueteira passaram rapidamente ao monte de corpos sem órgãos, todos contra todos e contra tudo. Membros e apêndices entravam e saíam de anônimos orifícios e se roçavam em insólitos encontros. Com toda essa orgia indiferenciada, aproveitei para desconectar a música e voltar a trancar-me no armário do quarto até que terminasse semelhante tumulto de nojenta lascívia. Foi como um buraco negro de gozo que chupava a todos os que passavam perto, um tornado libidinal, fluidos derramando-se pelo piso, buracos e protuberâncias em um baile de carnaval.

Finalmente o furacão terminou quando não ficou ninguém fora da orgiástica bola até que explodiu em um orgasmo coletivo. Logo a casa estava cheia de corpos desnudos e cansados. Os bofes do BOPE se foram satisfeitos de prazer. Também inadvertidamente levaram algumas coisas da casa, como obras de arte originais, drogas e carteiras (também uma bota de Guilherme). Mau e a Madrinha ficaram dormindo na cama de frente para mim, Guilherme na



banheira, a porta aberta de par em par, um cachorro da rua dormia em uma poltrona calamitosa: um convidado desconhecido tinha lhe chupado a pica.

Quando despertaram dessa segunda morte que é a ressaca, a casa estava pós-apocalíptica. Tinha tantas capas de sujeira que não se sabia por onde começar. A Madrinha tinha contratado uma espécie de boy de limpeza que vinha na casa e fazia todo o trabalho sujo. Já desde a festa anterior tinha acertado um mecanismo perfeito: ela se levantava no inferno, ia à praia lavar a noite no mar, e quando voltava estava tudo resplandecente sem que ela soubesse como havia ocorrido, tipo fetichismo da mercadoria ou magia. Eu também não queria ver ao pobre do homem se descadeirar limpando, assim que me escondi para dormir em um armário. Não era minha responsabilidade, muito menos meu problema. Problema deles e da sua luta de classes.

Então foram à praia com Mau. Quando voltaram, ela dizendo “agora você vai ver”, abriu a porta e, zas!, as ruínas seguiam intactas. Camisinhas jogadas (por sorte alguém tinha usado), latas de cerveja, garrafas quebradas, calcinhas debaixo dos móveis, toda a louça da casa jogada, grudenta e quebrada... Esse dia, o cara nem apareceu, se cansou de que o explorassem e se passou de doente para a dona da casa em São Paulo.

Maurino e a Madrinha estiverem ajoelhados durante horas esfregando o piso: as capas geológicas não faziam senão acumular. Era como a multiplicação dos pães, mas com a sujeira. Foi o pior que vi na vida. Pelo nojo, vomitei sobre os cosméticos caríssimos da Madrinha, que ficaram grudados e presos à penteadeira. Então ela se encheu, resolveu fazer as malas e mudar a passagem. Voltamos a Nova Iorque nesse mesmo momento. Maurino, aborrecido, já não voltou com a gente. Se fez de idiota no aeroporto enquanto o amigo evangelista me fazia os papéis falsos e foi para Buenos Aires decidido a ter uma vida matrimonial burguesa e abrir uma galeria de arte, Miau Miau, inspirada em mim.

O trecho é parte da primeira novela de Cecilia Palmeiro, *Cat power. La toma de la Tierra* (2017), na qual o narrador é um um gato alienígena, cuja raça se encontra próximo da extinção, que passa a narrar, com altas doses de ironia ativista, os infortúnios da Madrinha durante a escrita da sua tese entre Buenos Aires, Nova Iorque e Rio de Janeiro. Nessa jornada Rorro (o gato) descobre que, através da consciência da Madrinha, é quase impossível cumprir o objetivo para o qual foi enviado à Terra mas, mesmo assim, dá um jeito para a conquista felina do planeta.

